



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

UMA VOZ LEGÍTIMA, UM SUJEITO DA PALAVRA: A PESSOA COM DEFICIÊNCIA MENTAL E SUAS NARRATIVAS

Maximiano Martins de Meireles*
(UEFS)

RESUMO

Este trabalho se constitui num recorte da pesquisa que objetivou fazer uma análise acerca das significações construídas por estudantes com deficiência mental sobre si e suas vivências na escola. A intenção foi dar visibilidade aos sujeitos, enquanto sujeitos da palavra. O fio condutor das reflexões foi a abordagem epistemológica que entende o ser humano como uma construção sócio-histórico-cultural. A pesquisa fundamentou-se nos pressupostos da investigação qualitativa, tomando as narrativas de vida como opção metodológica e a entrevista narrativa como instrumento de recolha de dados. A tônica deste texto é a discussão sobre a importância desta metodologia como lugar de enunciação e legitimação da voz da pessoa com deficiência mental.

PALAVRAS-CHAVE: Estudante com deficiência mental, Narrativa, Sujeito da palavra.

INTRODUÇÃO

Este escrito se constitui num recorte da pesquisa realizada no Curso de Especialização em Educação Especial⁵⁰⁰. O trabalho objetivou analisar as significações construídas por estudantes com deficiência mental sobre suas si e suas vivências na escola. A intenção foi dar visibilidade aos sujeitos, enquanto

* Graduado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa – UNEB/ Especialista em Educação Especial – UEFS/ Aluno do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – UEFS. Email: maxymuus@hotmail.com

⁵⁰⁰ A investigação resultou no trabalho monográfico intitulado de “Para além da deficiência mental: o sujeito, as imagens de si e os fios narrativos sobre a escolarização”.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

sujeitos da palavra, e, nessa perspectiva, identificar as imagens que os estudantes com deficiência mental constroem sobre si e compreender aspectos que interferem em seus processos de escolarização. Desse modo, apresento, neste texto, algumas reflexões que permearam a construção da referida investigação, dando ênfase a perspectiva metodológica, ao uso das narrativas de vida como lugar de enunciação e legitimação da voz da pessoa com deficiência mental.

As leituras que realizei em torno da questão, possibilitaram-me construir uma reflexão mais aprofundada acerca do processo de exclusão social e educacional vivenciado pelo sujeito com deficiência mental. Possibilitaram, também, construir uma indignação frente ao silenciamento desse sujeito, numa sociedade que raramente lhe autorizou o direito de enunciar, de falar de si, de evidenciar suas significações. Neste sentido, o sujeito com deficiência mental foi situado, historicamente, num lugar de não-enunciação, em uma posição discursiva sem legitimidade e sem-sentido, tendo sua subjetividade silenciada. Assim, foi sempre interpretado pelo olhar e a voz do(s) outro(s), pelos discursos preconceituosos e (i)legítimos que a sociedade produziu sobre ele.

Não se pode negar que muitas leituras equivocadas foram construídas em torno da (pessoa com) deficiência mental. Esses olhares fizeram emergir uma subjetividade amarrada em discursos legitimados cientificamente que impuseram ao sujeito com deficiência mental a condição de anormal, retardado e intelectualmente incapaz. Dessa maneira, o mesmo foi aprisionado em redes de significações infundadas em interesses sociais, políticos e ideológicos que pouco tem a ver com a própria deficiência.

Ao fazer um levantamento do estado da arte, percebi que no caso das pessoas com deficiência mental são frequentes os trabalhos relativos a olhares e dizeres que a família, a escola, as instituições, profissionais especializados e a sociedade têm a respeito delas, mas ainda é tímida a produção de trabalhos em que

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

o pesquisador se coloca a disposição para ouvir e dar voz aos próprios sujeitos. Na concepção de Nunes e Glat (2001, p.3), entrevistar pessoas com deficiência mental “representa uma mudança radical do objeto de estudo e da própria relação do pesquisador com o sujeito, já que se deixa de analisar a doença ou o desvio para compartilhar sua vida”.

Nesse mesmo sentido, este trabalho, junto a outros poucos estudos, se configura num lugar de enunciação e legitimação da voz da pessoa com deficiência mental. Dessa maneira, entendo que as narrativas dos estudantes se constituem numa possibilidade pertinente de compreender, repensar e ressignificar suas trajetórias de escolarização, tornando a escola um lugar de inclusão. Nessa perspectiva, o estudante com deficiência mental torna-se sujeito da palavra, capaz de falar e refletir sobre si, sobre a escola e o contexto social em que está inserido.

Partindo desses pressupostos, decidi trabalhar com a perspectiva das narrativas de vida, tendo como recorte a percepção dos estudantes com deficiência mental sobre o processo de escolarização. O problema, a intenção de estudo, a pergunta que moveu essa investigação foi a seguinte: Que significações o estudante com deficiência mental constrói sobre si e suas vivências na escola? Desse modo, esta pesquisa teve como objetivo identificar, nas narrativas de estudantes com deficiência mental, as significações construídas pelo estudante com deficiência mental sobre si e suas experiências na escola.

Nessa perspectiva, trabalhei com as narrativas de dois estudantes jovens: Carlos e Ramon⁵⁰¹, diagnosticados com deficiência mental, incluídos na rede regular de ensino do município de Tucano, na Bahia. A opção metodológica foi de natureza qualitativa, com o uso das narrativas de vida que se constitui numa redescoberta extremamente rica e multifuncional, na busca de respostas a quem entende o individual como produto de uma construção social.

⁵⁰¹ Sujeitos da pesquisa; os nomes são fictícios a fim de preservar a real identidade dos estudantes.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

As narrativas de vida, a pessoa com deficiência mental e a tomada da palavra

Estudar as significações construídas pelo estudante com deficiência mental e evidenciar seu próprio ponto de vista acerca das experiências na escola, implica, necessariamente, em dar voz ao sujeito do estudo. Nesse sentido, minha postura epistemológica se aproxima da “pesquisa qualitativa”, tendo em vista que a preocupação está situada na construção dos significados e na compreensão dos fenômenos sociais e culturais que permeiam as narrativas do estudante com deficiência mental, levando em consideração as motivações, crenças, valores e representações presentes na rede de relações sociais.

Ademais, conforme salienta Ferreira (2004, p.27), a abordagem de natureza qualitativa permite construir

Processos de produção de sentido, em que o pesquisador e participantes estão envolvidos e não, simplesmente, como uma situação na qual processos externos ao observador estejam sendo representados de uma forma verídica. Assim, em vez de se buscar validade e fidedignidade, deve-se enfatizar a especificidade da situação de pesquisa, isto é, a descrição detalhada e rigorosa do contexto de sua realização, do caminho percorrido pelo pesquisador e de como procedeu em sua interpretação, permitindo uma visão caleidoscópica do fenômeno estudado.

A abordagem de natureza qualitativa tem estreita relação com este estudo, pois possibilita, também, um trabalho que afirme a subjetividade dos sujeitos pesquisados, dando um enfoque aos entendimentos que eles constroem em relação ao seu meio; suas compreensões e interpretações das experiências (MACEDO, 2004). É dessa maneira que a investigação qualitativa centrará seu foco na descoberta do sujeito, em sua compreensão; vai buscar sua colaboração, preocupando-se com sua formação, com suas histórias (GHEDIN, 2008).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

No sentido de estabelecer uma coerência com essa proposta de pesquisa de viés qualitativo, e tendo como referência o objeto de investigação e os objetivos da pesquisa, utilizei as narrativas de vida como estratégia metodológica. Essa metodologia vem ganhando espaço na pesquisas em Educação com a intenção de romper com explicações universalistas, e, assim, “valorizar a experiência subjetiva, singular, apoiando-se em pontos de vista individuais e incorporando elementos e perspectivas às vezes ausentes em outras práticas: subjetividade, emoções e cotidiano” (CARNEIRO, 2007, p. 49). É nesse mesmo sentido que

Nas ciências humanas e sociais, afirmou-se a idéia de que a heterogeneidade e pluralidade das identidades sociais não podem ser explicadas por meio de discursos unificadores e universais, os quais acabam-se tornando um exercício arbitrário de submissão da diferença - um silenciamento, por detrás da neutralidade, das vozes e desejos de distintas categorias de outros (CARVALHO, 2008, p.19).

Vale salientar que no caso da pessoa com deficiência mental, ainda são poucos os estudos que tomam as narrativas de vida como opção metodológica. Glat e Pletsch (2009), no texto “O método de história de vida em pesquisas sobre autopercepção de pessoas com necessidades educacionais” apresentam uma análise de teses e dissertações no campo da Educação Especial, em programas de Pós-Graduação em Educação e Psicologia de universidades brasileiras, que abordam as significações das experiências cotidianas sob o ponto de vista do próprio sujeito com deficiência.

A partir do levantamento do estado da arte, foi possível identificar, ainda, que em se tratando da perspectiva de dar voz à pessoa com deficiência mental, Glat (1989) foi vanguardista ao trabalhar, em sua tese de doutorado, com narrativas de mulheres com deficiência mental, alunas de instituições especializadas. A pesquisa teve como objetivo ouvir o que “essas mulheres tinham a dizer sobre si mesmas,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

para determinar até que ponto suas vidas estavam restritas ao papel social estereotipado de deficiente. Com base nos depoimentos colhidos, a autora identificou as dificuldades vividas por essas mulheres no convívio social e integração à vida da comunidade; a rejeição que essas mulheres sofriam por parte dos “outros”; dependência familiar tanto sob o ponto de vista financeiro quanto emocional, assim como a repressão, negação e/ou infantilização da sexualidade. Além disso, o estudo contradiz o mito da suposta homogeneidade entre as pessoas com deficiência mental, mostrando a diferença qualitativa entre elas. (GLAT; PLETSCHE, 2009).

Nesse mesmo sentido, outro importante estudo foi o de Carneiro (2007) que ao utilizar da abordagem de história de vida, trabalhou com narrativas de três adultos com síndrome de Down e cujo objetivo central foi discutir a deficiência mental como uma produção social, apoiando-se na abordagem histórico-cultural, especialmente nas ideias de Vigotski. Nessa perspectiva, a autora buscou compreender os movimentos constitutivos desses sujeitos nos seguintes eixos de análise: rupturas com os prognósticos negativos, a busca de possibilidades de desenvolvimento, a escolarização na escola comum, as imagens que cada um possuía de si e de suas vivências no trabalho. A pesquisa mostrou que, mesmo diante da alteração biológica é pelas e nas e relações sociais que o sujeito se desenvolverá, ou não, como deficiente mental.

O uso das narrativas de vida, além de romper com explicações universalistas é, nesse mesmo sentido, uma opção metodológica que se recusa a trabalhar com um ideal homogeneizador de homem, de educação especial, de escola. Segundo Caiado (2006, p.44), “visa sim, a conhecer as determinações sociais que engendram a narrativa daquela vida, e então, refletir sobre as determinações sociais que no tempo presente tecem nossas vidas”. Isso implica,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

portanto, em reconhecer as singularidades, sem, contudo, desconsiderar as marcas sociais que se inscrevem nas particularidades e subjetividades dos sujeitos.

Essa opção metodológica constitui-se, assim, numa possibilidade da criação de espaços que possibilitem um lugar de enunciação e de legitimação da voz da pessoa com deficiência mental, valorizando suas experiências. Além do que, permite compreender os limites e as possibilidades no processo de escolarização desse sujeito, a partir de sua voz e subjetividade. Pois, parafraseando Bertaux (2010), é possível dizer que o estudo das trajetórias de formação escolar dos estudantes com deficiência mental permite compreender melhor o que se passa no interior desse mesmo processo.

Nessa mesma perspectiva

A utilização das narrativas de vida se mostra aqui particularmente eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias; ela permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação, como se esforçaram para administrar essa situação e até mesmo superá-la (BERTAUX, 2010).

As histórias de vida⁵⁰² são consideradas recursos e/ou técnica, e são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos que se configuram a partir dos saberes experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma “metareflexão do conhecimento de si” (JOSSO, 2008).

As narrativas de vida, conforme salienta Meireles (2009), diz respeito à autocompreensão do que somos; das aprendizagens que construímos ao longo da vida; das nossas experiências e dos significados que atribuímos aos diferentes

⁵⁰² A expressão é aqui utilizada no mesmo sentido das “narrativas de vida.”



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. É pertinente evidenciar, também, que nessa metodologia

O pesquisador não se preocupa em confirmar a “veracidade” dos fatos, pois para ele o importante é o ponto de vista do sujeito. A beleza, por assim dizer, deste enfoque é que “tira o pesquisador de seu pedestal de dono do saber”, já que seu objetivo é apreender os significados que cada sujeito ou grupo atribui aos eventos de sua vida (GLAT, 1989, p. 30; GLAT, 2004, p.142).

O uso das narrativas de vida se constitui numa ferramenta importante de valorização e legitimação da voz da pessoa com deficiência mental, pois possibilita assumir uma posição de sujeito do discurso, a qual lhe foi negada historicamente, através da tomada da palavra como estatuto de sua singularidade e subjetividade. Ademais, conforme salienta Macedo (2004, p.177),

Ao fazer com que as pessoas confiem nas lembranças e interpretações, em sua capacidade de colaborar para escrever a história, possibilita **a aquisição de um sentimento de estima e valor social**. Um sentimento de identidade, de pertencer a um determinado lugar e a uma determinada época [...] pela própria história, lança-se vida para dentro da história.

Considerando o caráter de subjetividade presente nas narrativas de vida, é preciso comungar com as ideias de Kramer e Souza (2003), no sentido de entender que o compromisso dessa investigação não é com a busca de informações que possam ser generalizadas, pois identificar aspectos sociais, históricos e culturais, “não é sinônimo de generalizar - generalização aqui entendida como pasteurização, significando homogeneizar ou unificar as trajetórias, as experiências e as narrativas de cada um” (KRAMER; SOUZA, 2003, p.24).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Tomando como base esses pressupostos, a presente pesquisa toma como técnica de recolha das informações o uso das entrevistas. Segundo Goldenberg (1999, p. 85) em situações de entrevista, “lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros”. Desse modo, se constitui como uma ferramenta relevante no processo da pesquisa, onde os sujeitos revelam os sentimentos, as crenças, os valores, as concepções e seus percursos de vida e escolarização. Nessa perspectiva, a entrevista

Não se trata de um simples diálogo, mas sim de uma discussão orientada para um objetivo definido, que através de um interrogatório leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa (ROSA, 2008, p.17).

Durante a entrevista narrativa, é preciso considerar que, embora se tenha um objetivo definido, o processo não é marcado por objetividade e neutralidade, na verdade, trata-se de um processo no qual os sujeitos estão emocionalmente envolvidos e ativamente participantes.

Neste sentido,

O encontro que ocorre na situação da entrevista é delineado por emoções e sentimentos que emergem no decorrer dessa relação e suscitam reações afetivas no entrevistador que deve registrar, na exposição de seus dados, a irrupção das emoções do outro e também das suas (ROSA, 2008, p.24).

É importante ressaltar que a narrativa de vida “resulta de uma forma particular de ‘entrevista narrativa’, durante a qual um pesquisador [...] pede a uma pessoa, então denominada sujeito, que lhe conte toda ou parte de uma experiência vivida” (BERTAUX, 2010, p.15). A entrevista pode ser iniciada com uma “pergunta



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

chave” diretamente ligada ao objeto de investigação. Além dessa pergunta chave, outras questões devem ser incorporadas a um pequeno roteiro com a intenção de orientar o pesquisador, pois conforme salienta Macedo (2004), é preciso que haja um esforço em manter uma coerência entre a história narrada e aquilo que uma investigação objetiva descobrir. É pertinente salientar que, no decorrer da conversa, o entrevistador fica livre para fazer perguntas no sentido de clarificar ou aprofundar pontos mais diretamente ligados ao objeto de estudo (GLAT, 2009).

O autor orienta, ainda, que para que se comece a entrevista será necessário que o contexto social seja definido, que o objetivo da entrevista seja confirmado, e que pelo menos uma pergunta seja feita. Nesse mesmo sentido, orienta que se comece a entrevista usando o verbo ‘contar’. Ressalta ainda que durante a entrevista narrativa, é preciso demonstrar interesse pelo que o sujeito lhe conta; e observar os momentos e as perguntas adequadas a serem feitas durante o processo. Para ele, há basicamente três tipos de pergunta: 1. Um tipo que retoma determinado contexto ou palavra; 2. Um segundo tipo de questão que solicita a descrição de contextos; 3. Um terceiro tipo de questão que visa à explicitação de uma sequência ou ação (BERTAUX, 2010).

Tendo em vista esses pressupostos, considero as narrativas de vida um método bastante profícuo para a pesquisa aqui proposta, visto que favorece o diálogo entre o pesquisador e o sujeito(s) da pesquisa; possibilitando a integração dessas pessoas “como partícipes da investigação, rompendo com a ideia de incapacidades localizadas no sujeito” (CARNEIRO, 2007, p.51). Ademais, permite conhecer e entender as trajetórias escolares, sob o “olhar” e “voz” de a quem vive, nesse caso, sob o olhar e a voz da pessoa com deficiência mental.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Para concluir ou recomeçar...?

Este trabalho, ao se utilizar das narrativas de vida e das entrevistas narrativas, buscou ir além da deficiência mental, sem, contudo, esquecê-la. Afinal, Carlos e Ramon não são consequência de suas faltas, seus defeitos orgânicos e sua deficiência, pois nenhum deficiente é apenas isso. São sujeitos sociais, históricos e culturais, e por isso, foi necessário olhar para a singularidade de cada um deles; singularidades resultantes das suas histórias de vida, histórias das relações sociais que os constituíram e constituem (PADILHA, 2005). Desse modo, foi o “quem”, o sujeito, e não apenas a sua deficiência que procurei dar visibilidade neste trabalho.

Nesse mesmo sentido, as narrativas permitiram colocar em evidência as significações de estudantes com deficiência mental sobre si e suas experiências na escola regular, identificando, assim, as imagens que eles constroem de si e compreendendo aspectos que interferem em seu processo de escolarização.

Neste trabalho priorizei uma esfera do simbólico: a narrativa, ou seja, a organização no tempo e no espaço, os relatos de fatos da vida na escola, os medos, as dificuldades e possibilidades, os desejos, as narrativas de si; o que permitiu uma nova relação do sujeito com a linguagem, uma relação de autonomia com a palavra, em que a progressão do seu discurso repousa sobre sua própria possibilidade, interpretando o já dito e lançando o que está por dizer (LEMOS, apud, PADILHA, 2005).

Carlos e Ramon construíram narrativas que deram sentidos aos fatos, as suas relações concretas com a sua vida, as suas experiências enquanto sujeitos que superam as limitações e indagam os olhares e discursos preconceituosos que vigoram nos contextos sociais. Sem dúvida, é nessa luta para constituir-se de “outro modo” que eles encontram, também nas relações sociais, possibilidades de se desenvolver. Assim, “essas histórias ao mostrar os movimentos de ruptura e a



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

construção de outras possibilidades, mostram também o avesso da deficiência mental (CARNEIRO, 2007, p. 2007).

As narrativas de Carlos e Ramon caminham no sentido de romper com a idéia “cristalizada” do deficiente mental como incapaz, e mais além, caminham num sentido que possibilita indagar as representações sociais e a construção da identidade da pessoa com deficiência mental como “incapaz, anormal, excluído” (CARVALHO, 2004, p.141). Nessa perspectiva, as significações de Carlos e Ramon, permitem entender que esses sujeitos se constroem, sobretudo, na contramão das imposições sociais, num processo de recusa aos discursos equivocados e ilegítimos que foram construídos e difundidos historicamente.

Nesse sentido, Carlos e Ramon mostraram em suas histórias caminhos para vencer as barreiras de sua deficiência, expandir possibilidades, diminuir limites, encontrar saídas para estar no mundo. Compartilhando do desejo de Padilha (2005), há em mim uma vontade imensa de que todas as pessoas com deficiência mental possam viver experiências como essas, e nesse mesmo sentido

Possam constituir-se em sujeitos mais simbólicos, ou seja, sujeitos de práticas discursivas criando e interpretando signos, dando-se a conhecer não mais pelas suas incapacidades, mas pelas suas condições de funcionamento cognitivo, na e pela linguagem, com o outro, no processo dialógico, utilizando-se das palavras. (PADILHA, 2005, p. 135).

Este trabalho caminhou também no sentido construir narrativas, discursos e reflexões capazes de repensar denominações; demover estereótipos e neutralizar preconceitos em relação à pessoa com deficiência mental. E nessa mesma perspectiva trouxe também contribuições que possibilitam compreender as experiências do estudante com deficiência mental em seu processo de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

escolarização e repensar, a partir da sua própria voz, alguns aspectos da escola inclusiva que buscamos construir. Afinal

De nada adianta todo um aparato organizacional e tecnológico se não for levado em conta o que os deficientes formulam sobre si mesmos. É preciso saber ouvi-los e vê-los para poder acessar a eles aquilo que precisam para se relacionar com eles mesmos, com um outro sentido, que não seja o que a sociedade lhes impõe. (SILVA, 2000, p.12)

Frente à riqueza dos resultados, é pertinente afirmar, portanto, que estas histórias, merecem ser contadas, refletidas, pois abrem caminhos para novas pesquisas, para a elaboração de novas perguntas investigativas, para estudos que pretendem ir além da deficiência mental, para “ver”, “ouvir” e “sentir” o sujeito. É nesse sentido que o fim - a conclusão - pode ser um recomeço.

REFERÊNCIAS

- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.
- CAIADO, Kátia Regina Morena. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. Autores Associados: Campinas, 2006.
- CARVALHO, Maria de Fátima. **A relação do sujeito com o conhecimento: condições de possibilidades no enfrentamento da deficiência mental**. Campinas, SP, s.n, 2004. Tese doutorado.
- CARVALHO, Rosita Edler. Para além da diversidade, a diferença. In: **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- CARNEIRO, Maria Silva Cardoso. **Deficiência mental como produção social: uma discussão a partir de histórias de vida de adultos com síndrome de Down**. (Tese de doutorado). Porto Alegre, 2007.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- GLAT, R. **Somos iguais a vocês**: depoimentos de mulheres com deficiência mental. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1989.
- _____. **Somos iguais a você**: depoimentos de mulheres com deficiência mental. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- GLAT, Rosana. et al. O método de história de vida na pesquisa em educação especial. **Revista Bras. Marília**, maio/agosto, 2004, v.10, nº 2, p.235-250.
- GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. O método de história de vida em pesquisas sobre autopercepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. **Revista educação especial**, Santa Maria, v.22, n.34, maio/agosto, 2009. Disponível em <www.ufms.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 10 de julho de 2010.
- GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões do método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- JOSSO, Marie Christene. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim e. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. In: **História de professores**: leitura, escrita e pesquisa em educação. Ática, 2003.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- MEIRELES, Mariana Martins de. **Professores de geografia de Tucano-BA**: história de vida, trajetórias de formação e práticas de ensino. Serrinha, 2009. Monografia.
- NUNES, F.; GLAT, R. **O que revelam as teses e dissertações sobre a autopercepção do portador de necessidades especiais?** Trabalho submetido à publicação na 31.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira em Psicologia, Rio de Janeiro, 2001.
- PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Práticas pedagógicas na educação especial**: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas: Autores Associados, 2005.
- ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismo para validação dos resultados. Atlântica: Belo Horizonte, 2008.
- SILVA, Vera Regina Martins e. **Um lugar de visibilidade do sujeito deficiente mental**. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP, 2000. s.n.